

Empresas: expansão só em 2004

Juro alto faz indústria e comércio descartarem recuperação este ano

Ronaldo D'Ercole

• SÃO PAULO e RIO. O modesto desempenho da economia do país no primeiro trimestre, quando o Produto Interno Bruto (PIB, soma das riquezas produzidas no país) encolheu 0,1% em relação aos últimos três meses de 2002, não surpreendeu a indústria nem o comércio. Esses setores já não acreditam numa recuperação das vendas este ano. Para eles, a economia só começa a reagir em 2004.

Para a diretora do Departamento de Pesquisas e Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Clarice Messer, os números do Indicador do Nível de Atividade (INA) nos dois primeiros meses de 2002 já apontavam para um desempenho ruim do setor, reflexo dos juros altos e da demanda

retraída em toda a economia.

— Vamos ter um ano mais fraco que 2002 na indústria, mas não há uma visão catastrófica no setor. Há espaço para mudanças, e os empresários confiam na recuperação da economia, mas o crescimento esperado para 2004 ainda é moderado.

O diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diz que a estagnação do PIB é reflexo da crise do segundo semestre de 2002, que forçou o governo Fernando Henrique Cardoso a um forte aumento dos juros:

— O desempenho da economia na segunda metade deste ano dependerá do ritmo de queda dos juros.

Já o diretor-executivo da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio-SP), Antônio Car-

los Borges, disse que, mesmo que o governo inicie a redução dos juros em junho, os reflexos sobre o crediário e as vendas do comércio só serão sentidos em 2004.

— A renda das famílias está em queda, o desemprego sobe, o governo não gasta e não há investimentos — disse Borges, que prevê para o ano expansão de 1,5%, no máximo.

Luis Otávio de Sousa Leal, coordenador do Núcleo Econômico da Fecomércio-RJ, faz coro:

— A inflação e os juros altos deixaram o consumidor com menos dinheiro no trimestre. As famílias cortaram gastos, sobretudo bens mais caros, que dependem de crédito.

• CUT E FORD COBRAM DE LULA
QUEDA DE JUROS E POLÍTICA
INDUSTRIAL, na página 20